

LA INVESTIGACIÓN E INNOVACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA



Rafael Sebastián Alcaraz
Emilia María Tonda Monllor
(Coordinadores)

LA INVESTIGACIÓN E INNOVACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA

Rafael Sebastián Alcaraz

Emilia María Tonda Monllor (Eds.)

Publicaciones de la Universidad de Alicante
03690 San Vicente del Raspeig
publicaciones@ua.es
<http://publicaciones.ua.es>
Teléfono: 965 903 480

© los autores, 2016

© de la presente edición: Universidad de Alicante

ISBN: 978-84-16724-07-9

Diseño de cubiertas: CEE Limencop S.L.
Maquetación: CEE Limencop S.L.

UNIÓN DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS ESPAÑOLAS
www.une.es

Esta editorial es miembro de la UNE, lo que garantiza la difusión y comercialización nacional y internacional de sus publicaciones.

Reservados todos los derechos. Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, www.cedro.org) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.

PRÁTICA DOCENTE E CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS EM GEOGRAFIA – CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS

Ana Paula Gomes Seferian Márcia Cristina Urze Risetete Sonia M^a Vanzella Castellar

Faculdade de Educação – USP/SP/BR

paulag_geo@yahoo.com.br

marcia.risette@usp.br

smvc@usp.br

Resumo

Com o objetivo de identificar as concepções que os professores das séries iniciais tem acerca de determinadas noções tratadas em Geografia, especificamente no que concerne as noções espaciais. Pretendemos discutir a importância da aprendizagem e da metodologia de ensino em Geografia, assim trataremos nesta pesquisa da aprendizagem e da formação de professores, utilizando o método de análise de Michel de Certeau, Memória e Ocasão para a análise de suas práticas cotidianas.

Palavras-chave

Formação de professores, Noções Espaciais, Aprendizagem, Prática cotidiana.

1. CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Neste breve trabalho, propomos apresentar as primeiras constatações de uma investigação na qual pretendemos averiguar como o professor pensa e entende a disciplina de Geografia nas séries iniciais, mais especificamente quais são suas concepções acerca dos conteúdos de cidade, lugar e paisagem, apresentados no currículo da escola e como esses são tratados em suas aulas.

A inquietação em desvendar questões relacionadas ao ensino e a aprendizagem em Geografia nas séries iniciais, surgiu há alguns anos quando, por meio de observações durante as aulas, percebemos que muitos alunos ao chegarem ao ensino fundamental II, evidenciam ter pouco conhecimento acerca dos conteúdos de Geografia. Além disso, notamos em cursos de formações de professores do ensino fundamental I, que esses também mostram algumas lacunas conceituais em conteúdos da Geografia acarretando dificuldades em compreenderem e ensinarem tais conceitos.

O problema de pesquisa tornou-se ainda mais claro quando refletimos sobre o que acreditamos ser a Geografia Escolar, uma disciplina que possibilita a leitura de mundo e o raciocínio espacial. Notamos que nas escolas ela se apresenta de maneira descritiva, fragmentada e dicotômica (geografia física versus a geografia humana), como, por exemplo, se estuda o bairro, a Floresta Amazônica, a Orientação espacial e os rios do Brasil sem que tenham nenhuma articulação fazendo com que os alunos entendam a geografia escolar como uma disciplina que exige a memorização sem relação com a realidade.

Vale aqui retomar, mesmo que de maneira bastante breve, o como a Geografia Escolar foi concebida na Escola e como, grosso modo, a Geografia Acadêmica foi se desenvolvendo nas universidades, até mesmo para que possamos iluminar o objeto de

estudo aqui proposto e justificar a opção em utilizar como método de estudo o apresentado por Michel de Certeau.

Destacaremos a seguir alguns pontos que são relevantes para compreender o panorama atual da situação atual da Geografia Escolar nos anos iniciais (Fundamental I).

O primeiro ponto se refere aos professores que lecionam nos anos iniciais são formados nas Faculdades de Pedagogia, os quais se caracterizam por serem cursos de formação ampla, genérica, não constando em suas ementas disciplinas específicas de áreas de conteúdos, ou seja, não há na grade curricular dos cursos de pedagogia uma disciplina específica em que o futuro professor aprenda, por exemplo, os conteúdos e conceitos geográficos que terá que ensinar quando for ministrar suas aulas de Geografia. O que o currículo apresenta é a disciplina de Metodologia de Ensino em Geografia, que se propõe a discutir os procedimentos de ensino da Disciplina e não os conteúdos e conceitos. Desta forma, todo o arcabouço conceitual que o futuro professor conta é o que traz, a priori, é a que adquiriu no Ensino Fundamental e Médio.

Por esse motivo é necessário salientar, que a partir do Governo Vargas (década de 1930) adotou-se no Brasil uma Geografia de origem francesa consoante aos propósitos do Estado, cujo objetivo principal era garantir um Estado forte e centralizador (Estado Ratzeliano) a fim de conquistar uma coesão interna para fins de controle do território. Essa política refletiu no ensino de Geografia, fazendo com que ela tivesse como objetivo promover a identidade cultural, com base na descrição dos aspectos físicos, omitindo intencionalmente a efervescência social do período.

Com o advento do golpe militar em 1964 o discurso da integração permaneceu, mas com uma nova matriz a do desenvolvimentismo. Assim buscava-se o reordenamento territorial integrando regiões periféricas ao centro. As consequências dessas políticas foram inúmeras e evidentemente jamais discutidas nas aulas de Geografia durante o período militar, como o custo socioambiental altíssimo, a exploração intensa de recursos naturais, o aumento da desigualdade social e a concentração de renda, o aumento da dívida externa, o êxodo rural e o crescimento desordenado dos centros urbanos.

No final dos anos de 1970, precisamente em 1978, no Brasil, começa a ocorrer mudanças nas concepções teórica-metodológicas na geografia acadêmica, questionando a análise que se fazia da realidade, superando a visão estruturalista e trazendo para o centro das discussões a visão materialista histórica na geografia, que foi denominada de geografia crítica ou radical.

As mudanças nas relações espaço-tempo, entre os países e entre as pessoas passam a ocorrer de maneira mais rápida e eficiente graças as transformações viabilizadas pelo desenvolvimento técnico e tecnológico e pela forma em que essas relações passam ocorrer com mais intensidade por meio dos fluxos financeiros, mercantis, informacionais, superando os Estados e as fronteiras, alterando e estabelecendo conexões jamais vistas nas relações econômicas e de poder. Esse contexto reforça a concepção crítica da Geografia para analisar esse novo momento do mundo.

Sabemos que as mudanças ocorridas nas universidades acabam repercutindo nas Escolas, quer sejam pelos professores que são formados por elas, quer sejam pelos cursos de formação continuada, ou ainda pelo material acadêmico produzido. O que é interessante refletirmos é o fato de que toda a mudança gerada nas Universidades será

de alguma maneira refletida nas escolas, mesmo que demore e isso pode se dar de diferentes formas, dependendo de como o professor utiliza o repertório do qual disponibiliza para realizar suas improvisações¹²⁶. Não podemos deixar de lembrar que muitos dos professores que estão ensinando geografia atualmente foram formados em diferentes períodos e com diversas influências, sendo influenciados pela Geografia Positivista, também conhecida como Geografia Tradicional, enquanto outros aprenderam com professores já formados sob a perspectiva da Geografia Crítica. O que acaba por gerar uma diversidade de concepções acerca *do que é e para que serve* a Geografia no currículo escolar.

Assim o que pretendemos discutir aqui é justamente a importância de se analisar a prática de professores do Ensino Fundamental I, já que é a partir de suas práticas cotidianas que os conhecimentos são transmitidos em sala de aula para os alunos.

2. O QUE JUSTIFICA A INVESTIGAÇÃO E QUAIS SÃO AS QUESTÕES NORTEADORAS?

A ideia de trabalhar com professores dos anos iniciais surgiu em 2013, quando realizamos um curso de formação continuada com um grupo de Professores da Rede Municipal de São Bernardo do Campo, notamos que muitos desses professores apresentavam dificuldade em identificar os conteúdos geográficos relacionados à cidade ou ainda tinham o entendimento errôneo de determinados conceitos¹²⁷.

A proposta do curso era tratar alguns conteúdos da Geografia, enfatizando os conceitos de lugar e paisagem, tendo como ponto de partida o estudo da cidade e a trabalhar a cartografia como linguagem, articulando a Geografia com outras áreas do conhecimento (Artes, Ciências e Educação Física) e foi ministrado durante nove meses. Ao final do curso os professores tiveram que apresentar como trabalho de conclusão de curso um projeto desenvolvido junto aos seus alunos, muitos desses trabalhos mostraram resultados bastante interessantes no tocante a proposta apresentada pelo módulo de Geografia, uma vez que, muitos apresentaram mudanças significativas nas aulas de Geografia com a inserção de trabalhos de campo no entorno da escola, o tratamento de conteúdos geográficos mas que se relacionam a realidade vivenciada pelo aluno, também foi possível notar uma evolução conceitual dos professores em relação aos conteúdos trabalhados. Ao final do curso aplicamos um questionário a fim de verificar a percepção desses professores em relação a essa evolução conceitual, os dados nos mostraram que 76,5% passaram a compreender os dois conceitos (lugar e paisagem) de maneira articulada, 18% não perceberam mudanças significativas em seu entendimento conceitual, 5% compreenderam um dos conceitos um pouco melhor e os demais já compreendiam os dois conceitos. Esses dados também foram confirmados por meio de Mapas Conceituais elaborados por esses professores já nas últimas semanas do curso.

Esse curso de formação serviu de pré-teste para a idealização desta pesquisa que se propõe a entender e analisar de que maneira a prática cotidiana de professores das séries iniciais pode contribuir para a Educação Geográfica?

¹²⁶ Memória e Ocasão (Repertório e improvisações) conforme apresenta Michel de Certeau em seu texto Teoria e Método no Estudo das Práticas Cotidianas e do qual trataremos mais adiante.

¹²⁷ Esse diagnóstico foi realizado com base em diferentes instrumentos avaliativos, entre eles análises de textos, de imagens, mapas conceituais entre outros.

Evidentemente essa questão a primeira vista poderá parecer muito ampla, uma vez que para ser respondida outras também terão que ser contrapostas tais como: Como a prática desses professores promove a aprendizagem de determinados conceitos da Geografia? De que maneira determinado grupo de professores se apropria de seus recursos/ repertório para criar a ocasião e dar o golpe/ improviso e desta forma conseguir ensinar os alunos? Ao realizar oficinas de formação é possível contribuir e ampliar o repertório conceitual desses professores? Existe diferença significativa na maneira como o professor se apropria e se utiliza do conhecimento (repertório) dependendo de sua classe social¹²⁸?

2.1. METODOLOGIA DE PESQUISA

Para tentar responder a essas questões nos valeremos do método apresentado por Michel de Certeau, mais especificamente ao modelo das relações entre “memória e ocasião”, o autor destaca que esse é um dos modelos mais difíceis de analisar, por ser o mais global, pode ser comparado ao ato do improviso, não o improviso espontâneo, mas ao improviso que carece de extremo conhecimento, Para exemplificar esse modelo Certeau cita um pianista, que para realizar uma improvisação precisa conhecer a fundo todas as notas e códigos musicais.

“Da mesma forma a improvisação na vida cotidiana pressupõe um conhecimento extraordinariamente sutil dos códigos. E, em consequência, uma memorização de alguns elementos. Não obstante, esses diferentes elementos são mobilizáveis relativamente a um instante que chamamos de ocasião. Porque a ocasião não existe por si mesma. A ocasião é aquilo que é criado: é colocar a memória em relação com o instante. Nós fazemos as ocasiões: não as recebemos mesmo que, objetivamente, o mercado ou o supermercado não cessem de nos dizer que oferecem ocasiões espetaculares. A ocasião é, na realidade, um golpe. Creio ser muito interessante analisar as relações existentes entre a competência fornecida pela memória e esta espécie de jogo de guerra, de guerra-relâmpago que representa a criação da ocasião” (Certeau: 1985, 17)

Ao refletir sobre a dinâmica das aulas nos questionamos sobre até que ponto vale a pena nos debruçar sobre as propostas curriculares ou sobre os materiais didáticos utilizados nas aulas de Geografia nas séries iniciais, se o que apresentamos aqui como hipótese é que o que viabiliza a aprendizagem dos conteúdos de Geografia é o como o professor ensina e o porquê o professor ensina esses conteúdos, Desta maneira é fundamental analisarmos a prática cotidiana do professor e destacar que: “[...aos historiadores Michel de Certeau lembra que não se pode ler diretamente a alteridade cultural na especificidade profusa dos objetos a ela destinados, mas sim no uso que se faz deles]” (Chartier: 1998, 30) Assim da mesma maneira não podemos analisar o ensino de Geografia das séries iniciais somente a partir do Currículo proposto, ou do material didático adotado, mas sim das práticas cotidianas do professor, pois é a partir dessa prática que poderemos saber como o professor se apropria desse material e como esses conteúdos são trabalhados em sala de aula.

Normalmente as pesquisas e discussões sobre a qualidade do ensino tendem a colocar o professor em uma posição na qual é vítima ou culpado por vários dos

¹²⁸ Para Michel de Certeau a apropriação cultural independe da classe social, caso haja diferença no tipo de apropriação isso aparecerá no decorrer da pesquisa e não apriori, o que concordamos.

problemas encontrados na escola, e no processo de ensino-aprendizagem, muito se fala da má formação inicial, da falta de formação continuada, da desvalorização do professor, muitas vezes dando a entender que o professor é passivo dentro desse contexto verificado na realidade escolar. No entanto, quando deixamos os pré-conceitos de lado, percebemos que as coisas não são bem assim, e que apesar de todas as adversidades muitos alunos aprendem.

Mais uma vez recorreremos a Certeau que discute duas ideias bastante interessantes para analisarmos as práticas do professor em sala de aula, a ideia do consumo e da caça furtiva. Destacando que:

“[...Todavia, do lado do consumidor também há uma produção: ele transforma o espaço que lhe é imposto. Quando um freguês vai ao supermercado também é caçador furtivo: ele circula, ele caça, ela faz uma produção muito embora invisível, que não é marcada pela criação de novos produtos; ele se serve de um léxico imposto para produzir algo que lhe seja próprio. Deste ponto de vista, a questão é a do consumidor enquanto criador, enquanto produtor ou enquanto praticante” ...] (Certeau: 1985, 6).

Da mesma maneira os professores não são passivos ao espaço e a realidade que lhe são impostos (currículo, espaço físico da escola, políticas educacionais), evidentemente tudo isso influencia diretamente em seu trabalho, no entanto acreditamos que o resultado de seu trabalho dependerá de suas práticas cotidianas, daí a importância de analisar o como o professor se apropria de todos esses recursos e o que ele faz com isso tudo. Para ilustrar essa ideia Certeau cita inclusive o Movimento Modernista de 1922 ocorrido no Brasil, exemplificando a importância da apropriação e da prática com a Escola Antropofágica, destacando que *“[...o essencial não é aquilo que o praticante come, atravessa ou vê, mas sim o que ele faz daquilo que come, vê ou atravessa...]*” (Certeau: 1985, 6) Nesse caso, Certeau se referia a mídia, e as influências culturais estrangeiras na cultura brasileira e como, nesse momento o brasileiro transformava essas influências em coisas que nos era própria.

Nessa perspectiva esperamos poder fazer a mesma relação e análise com a prática do professor, já que é por meio dela que acreditamos que de fato os conceitos serão transmitidos aos alunos, assim não adianta analisar os documentos, os materiais didáticos utilizados, o currículo proposto, o espaço utilizado pelos docentes, enfim todos os recursos que eles dispõem para trabalhar nas aulas de Geografia, se não houver, uma reflexão sobre como ele se apropria desses recursos e qual o uso que faz e em como realiza sua prática cotidiana de ensinar os conteúdos geográficos.

A partir do que discurremos até o momento, também acreditamos que é possível que boa parte dos professores, apesar de não terem as “condições” ditas adequadas (como mapas, globos, espaços, materiais para a construção de maquetes, recursos financeiros para a realização de trabalhos de campos, etc), consegue criar ocasiões favoráveis para a aprendizagem. Então as perguntas fundamentais da pesquisa são: O que os professores fazem com o que lhes é distribuído para desenvolver os conteúdos de Geografia? Como os professores mobilizam seus conhecimentos para resolver dadas urgências nas aulas de Geografia?

2.2. HIPÓTESE CENTRAL DA PESQUISA

Nossa principal hipótese é que ao analisar a maneira como os professores se apropriam dos conceitos e mobilizam seus conhecimentos para ensinar os conteúdos de

Geografia, teremos condições de criar critérios para compreender as práticas dos professores dos anos iniciais e a partir disso pensar em estratégias que possam contribuir para a formação desses professores e, conseqüentemente, melhorar o processo de ensino e aprendizagem, entendendo que esses professores não são coadjuvantes no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, agentes passivos de todo o sistema imposto, mas sim protagonistas deste sistema, pessoas que criam ocasiões das mais diversas conforme o repertório que dispõe.

2.3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para as observações e análises estamos acompanhando o trabalho de três professoras de uma escola da rede particular de ensino fundamental I, com as turmas 3º, 4º e 5º anos, os trabalhos de atuação e observação junto aos professores devem ocorrer durante o segundo semestre de 2015 e durante o ano de 2016. Os procedimentos de observação da prática dos professores serão descritos nas etapas a seguir:

- Análise dos materiais – analisamos os materiais que os professores dispõem (livros didáticos, espaços da escola, entorno da escola, materiais didáticos disponíveis). A partir da análise dos materiais podemos identificar a qual deles cada professora normalmente recorre para definir o conteúdo a ser tratado nas aulas, além de verificar os objetivos de aprendizagem e se recorrem a outros recursos além dos existentes.
- Caracterização dos pesquisados: realização de entrevistas, aplicação de questionários, elaboração de mapas conceituais, realização de avaliações e feedbacks, conversas durante todo o processo a fim de verificar suas concepções e percepções (todos esses procedimentos são realizados permanentemente);
- Observações de aulas – com o objetivo de verificar a prática das professoras;
- Oficinas, nas quais os professores serão solicitados a elaborar propostas de atividades para tratar os temas selecionados, isso será analisado sob a perspectiva de Michel de Certeau;
- Oficinas de formação, com discussões teóricas sobre os conceitos geográficos e sobre metodologia de ensino de Geografia;
- Observação de aulas – com o objetivo de verificar as possíveis mudanças, no que diz respeito às práticas em sala de aula na forma de ensinar os conteúdos e conceitos de Geografia, durante o processo de formação aqui proposto.
- Finalmente, faremos a avaliação e análise de todos os dados obtidos afim de verificar como se deu a apropriação em relação aos conceitos de lugar e paisagem e como isso se refletiu em suas práticas.

3. PRIMEIROS RESULTADOS

Os primeiros trabalhos foram iniciados em Junho de 2015, quando realizamos uma reunião para apresentar a proposta para as professoras e para a coordenação da escola. Essa apresentação consistiu em uma breve exposição sobre os objetivos da Geografia Escolar e da importância da Cartografia como um instrumento da Geografia.

Em Agosto iniciamos as observações das aulas e as reuniões semanais com as professoras e com a coordenação.

Durante o acompanhamento das aulas pudemos identificar as limitações acadêmicas e metodológicas das professoras, fato esse que permitiu ao pesquisador redesenhar os procedimentos da pesquisa - ação.

As reuniões semanais foram importantes para conhecer os pesquisados e suas demandas, uma vez que por meio dessas reuniões podem-se identificar os principais obstáculos a serem superados para melhorar o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia:

- Formação acadêmica (conceitual) mais consistente dos professores;
- Desenvolver nos alunos a noção espacial, pouco desenvolvida em todas as séries;
- Trabalhar os conteúdos de maneira concreta (partindo de modelos, fora da sala de aula, utilizar outros recursos que não o livro didático)
- Utilizar a Cartografia como recurso;

A partir desses pontos passamos a orientar as reuniões de maneira a desafiar as professoras a criar atividades com outros materiais, para desenvolver os conteúdos curriculares. Com esses desafios, outras lacunas conceituais passaram a se evidenciar (em sua formação), o que tem se mostrado muito rico e dinâmico, permitindo que ao longo do processo, o pesquisador dê subsídios e ao mesmo tempo o próprio professor busque respostas ou compreenda o significado conceitual e as relações entre os conteúdos e os conceitos geográficos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ausubel D.P. Novak J.D.; Hanesian H, 1980 *Psicologia Educacional* Tradução Eva Nick, 2ª edição, Editora Interamericana.

Certeau, M.D. 2003 “A cultura e a escola” . Certeau M.D.” *A Cultura no Plural.*” *Papirus*, pp. 123-144.

Certeau, M.D. 1985 “ Teoria e Método no Estudo no estudo das práticas cotidianas”. Szmrecsanyi, M. I. (Org.). *Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano* (Anais do Encontro). São Paulo: FAU/USP, pp. 3 -19.

Chartier, A. M. ; Hébrard, J. 1998. A “invenção do cotidiano: uma leitura, usos”. *Projeto História*, núm. 17, Nov., pp. 29-41.

Chartier, R. 1996 . Estratégias y tácticas. De Certeau y las “artes de hacer”. *Escribir las prácticas. Foucault, de Certeau, Marin*. Buenos Aires: Manantial, pp. 55-72.

Gomes, P. C. C. 1996. “Geografia e Modernidade”. Bertrand Brasil.

Pereira, D. 1996. “Geografia Escolar: uma questão de identidade”.en *Cadernos CEDES - Antropologia e Educação, Interfaces do Ensino e da Pesquisa*, v. 39, pp. 47-56.

Santos, M. 2004. “A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.” Hucitec.

Vidal, D.G. 2005. “ Michel de Certeau e a difícil arte de fazer história das práticas”. In. Faria Filho. L. M. de (Org.). *Pensadores sociais e história da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 257-284.